



## Matrimônio e Patrimônio: a relação entre meus bens e “meu bem”

Matrimony and Patrimony: the relation between my property and “my sweetheart”

Jéssica Lais Kriese Duffeck\*  
Marcia Blasi\*\*

**Resumo:** O presente artigo visa discutir as mudanças sociais ocorridas na história do rito do casamento e de que forma essas mudanças afetaram a vida das mulheres. As instituições Igreja, Estado e Família durante séculos colocaram a mulher em segundo plano, não garantindo a ela os seus direitos e vida digna. O texto, desta forma, busca descrever os problemas encontrados através de um casamento patriarcal para a vida das mulheres. Faz-se relação entre desenvolvimento da história do casamento e persistência das violências domésticas praticada contra as mulheres. As perguntas que se buscam responder são: existe relação entre a ideia de casamento e violência? Por que o homem trata os seus bens e o seu “bem” da mesma forma?

**Palavras-chave:** Casamento. Violência doméstica. Mulher.

**Abstract:** This article seeks to discuss the changes that took place in the history of the rite of marriage and in which way those changes affected the life of women. The institutions Church, State and Family during centuries put women in a secondary position, not guaranteeing her rights and a full life. The text, this way, seeks to describe the problems found in a patriarchal marriage for the life of women. It establishes a relation between the development of the history of marriage and the persistence of domestic violence committed against women. The questions it seeks to respond are: is there a relation between the idea of marriage and violence? Why do men treat his property and his “sweetheart” in the same way?

**Keywords:** Marriage. Domestic violence. Woman.

\* Mestranda em Teologia na Faculdades EST, realizando pesquisa com apoio da Capes. Especialista em Ministério Eclesiástico da IECLB pela Faculdades EST. Possui graduação em Teologia pela mesma instituição e realizou intercâmbio acadêmico na Augusta Hochschule em Neuendettelsau na Alemanha. E-mail: jessikriese@gmail.com

\*\* Doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia. Possui Bacharelado em Teologia pela Escola Superior de Teologia (1997) e Mestrado pelo Graduate Theological Union, Berkeley, CA/EUA (2001). Atualmente é professora de Teologia Feminista e Co-coordenadora do Programa de Gênero e Religião da Faculdades EST, em São Leopoldo/RS. É Assessora do Conselho da Federação Luterana Mundial para questões de gênero e facilitadora da Rede de Mulheres e Justiça de Gênero da Federação Luterana Mundial na América Latina. É Pastora Ordenada da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil desde 1998. Foi Pastora Vice-Sinodal no Sínodo Noroeste Riograndense. E-mail: retalhos13@hotmail.com



## Considerações iniciais

Triste louca ou má  
Será qualificada  
Ela quem recusar  
Seguir receita tal  
A receita cultural  
Do marido, da família  
Cuida, cuida da rotina<sup>1</sup>

A mulher tem vários codinomes impostos pela sociedade na tentativa de identifica-la ou marca-la. O trecho da música acima cita alguns deles, e já deixa de pré-aviso, que o seu comportamento irá defini-la. Infelizmente, durante séculos, a mulher é vista como objeto, como um ser sem escolhas, sem raciocínio, apenas com sentimentos, que não são levados em conta em uma sociedade capitalista. Sociedade esta que busca através de um acúmulo de bens apenas os próprios interesses e desejos, busca apenas o próprio prazer, nada importa o outro, não importa qual será a forma de se satisfazer ou custo disso, desde que aconteça.

O meu bem e os meus bens importam, e só. Desta forma a mulher é um ser sem valor, sem um nome, é identificada pelos codinomes dados a ela. Aquele que muitas vezes a presenteia com um codinome é o seu parceiro, seu marido, aquele que foi escolhido para com ela formar uma família, um lar.

A ideia de escrever sobre o casamento não veio apenas como interesse em descobrir como se deu o início da instituição, mas de descobrir porque nesta instituição que se diz “familiar”, lugar de abrigo e conforto acaba se tornando para a mulher um lugar de prisão e escravidão.

O maior lugar de violência contra as mulheres é em sua própria casa e efetuado pelos próprios moradores dela, muitas vezes, ou em quase todas, pelo seu parceiro. O vigente trabalho tenta buscar as causas para isso se dar durante toda a história e busca alternativas para que o casamento possa ser sim um lugar de amor, possível de se tornar um lar para essas mulheres.

A busca é por dignidade e respeito, para que todas possam construir a sua própria história sem depender de homem para que isso aconteça. Buscamos por liberdade, equidade, buscamos uma vida digna para todas nós. Este trabalho foi apresentado no Congresso Internacional da Faculdades EST pela aluna e autora, Jéssica Lais Kriese Duffeck, mestranda, com coautoria da Dra. Marcia Blasi, no Eixo Temático Gênero.

---

<sup>1</sup> FRANCISCO el Hombre. *Triste, louca ou má*. Soltasbruxa, 2016. Disponível em: <<https://www.letas.mus.br/francisco-el-hombre/triste-louca-ou-ma/>>. Acesso em: 15 mai. 2017.



## O casamento na Bíblia e na Igreja

A difícil situação que as mulheres vivenciam na sociedade e principalmente na Igreja é construída pela indiscutida dominação masculina. É notada uma antiga e não resolvida tradição de desprezo às mulheres. No nascimento da comunidade cristã, as mulheres viviam à margem, sendo submissas aos homens, apenas com papéis domésticos, limitadas a casa, como mães e esposas. Eram oprimidas pela lei do silêncio imposta por homens. Sofriam ainda por serem consideradas impuras devido ao parto e à menstruação, conforme Levítico 15.19-24: “As fontes relativas ao cristianismo primitivo foram escritas e formuladas num contexto de cultura e de cosmovisão androcêntrica. No mundo em que elas surgiram, a mulher era um ser à margem. No mundo grego a liberdade era atributo de macho.”<sup>2</sup>

“O Deus que exclui e nega atributos espirituais femininos, e em consequência, também pronomes gramaticais, é pequeno demais para mulheres que conhecem a si mesmas.”<sup>3</sup> O sexismo que acontece na teologia não faz parte de um grupo de homens que tem o hábito de serem dominadores, isso seria fácil de corrigir, é sim uma idolatria; confunde-se a fonte de vida com o poder patriarcal<sup>4</sup>, exultado no casamento.

## O casamento no Antigo Testamento e Judéia

O matrimônio era algo mais civil do que religioso. No noivado o casal trocava entre si anéis ou braceletes em frente de duas testemunhas, firmando assim um contrato. A boda era celebrada quando a casa estivesse pronta. O noivo buscava a noiva em casa e a levava com um cortejo até a festa, que podia ser na casa dos seus pais ou na casa nova<sup>5</sup>.

No Antigo Testamento o marido era o senhor de sua esposa. As mulheres eram valorizadas como mães, mas ser estéril era um castigo de Deus. Somente quando gerasse um filho, ganharia a dignidade no lar. A falta de filhos podia gerar poligamia ou divórcio, visto que a descendência ficava ameaçada de extinção. Ter uma prole numerosa era sinônimo de bênçãos de Deus<sup>6</sup>.

A desorientação da família era um fator para as pessoas voltarem para Deus. Vários profetas falaram para as pessoas retornarem para uma relação familiar satisfatória, sendo assim, parte do seu dever para com Deus, como Ezequiel que defendeu o casamento monogâmico e

<sup>2</sup> DREHER, Martin N. O Novo Testamento escrito por homens, e a mulher na história da Igreja. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, vol. 30, no. 3, p. 273-287, 1990, p. 274.

<sup>3</sup> SOLLE, Dorothee. Libertada para a Liberdade, Condenada ao Silêncio, A Imagem da Mulher no Cristianismo. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 31, no. 1, p. 75-84, 1991, p. 77.

<sup>4</sup> SOLLE, 1991, p. 77.

<sup>5</sup> MALDONADO, Jorge E. *Casamento e família: uma abordagem bíblica e teológica*. 2. ed. Viçosa: Ultimato, 2003, p. 15.

<sup>6</sup> MALDONADO, 2003, p. 17.

reconheceu uma posição mais elevada para a mulher<sup>7</sup>. Porém, segundo Durant, as instruções de Jeová para a esposa eram claras, conforme a interpretação da época: “teu desejo será o de teu marido e ele te governará.”<sup>8</sup>

Nesse sentido, o marido era o seu “dono” e a mulher podia apenas seguir as regras impostas por ele. Não era dado a ela um descanso na fase reprodutora. Caso o seu marido falecesse, seu irmão precisava a desposar, mesmo já possuindo esposa; caso o falecido não tivesse irmãos, a responsabilidade de desposa-la era do parente mais próximo.

E como a propriedade privada era a essência da economia judaica, o ‘duplo padrão’ prevalecia; o homem podia ter muitas mulheres, mas estas tinham de contentar-se com um único homem. Adultério significava relações com uma mulher que havia sido comprada e paga por outro homem; era uma violação do direito de propriedade, cuja punição consistia na morte para ambas as partes. A fornicção não era permitida às mulheres, mas para o homem não passava de um pecado venial.<sup>9</sup>

Os mandamentos, as leis dos judeus, falam sobre a família, o casamento e a mulher. Como é o caso do quinto mandamento que santifica a família e a coloca como estrutura base da sociedade. O sétimo mandamento reconhece o casamento como base da família, dando assim ao casamento o apoio da religião. Porém, os mandamentos apenas se preocupavam com a dignidade masculina. Adultério significava ter relações com uma mulher que fosse comprada por outro homem, era uma violação no direito de propriedade em concordância com o décimo mandamento. A punição era a morte de ambas as partes. O décimo mandamento deixa claro que a mulher está classificada entre os bens da propriedade privada.

Os mandamentos não vinham para proteger a mulher ou família dos abusos, mas para proteger o homem de outros homens. Eram normas de conduta, e leis de como servir e seguir a Deus. O livro do profeta Oséias fala sobre prostituição, adultério, infidelidade. A partir de sua própria vida conjugal e das circunstâncias que o rodeavam, o profeta denuncia as infidelidades de Israel para com Deus, que apesar de tudo ainda o considera o seu povo. A pregação de Oséias fala do relacionamento de Deus com Israel como se fosse um relacionamento de amor e frustração entre esposo e esposa. O relacionamento deles é como uma aliança matrimonial, que exige respeito e fidelidade<sup>10</sup>.

O Antigo Testamento traz vários relatos sobre a violência contra as mulheres. Como é o caso do Rei Davi, que mata Urias para poder ficar com a sua esposa, Beteseba. É um relato de

<sup>7</sup> MALDONADO, 2003, p. 17.

<sup>8</sup> DURANT, Will. *Nossa Herança Oriental: Uma história da civilização do Egito e do Oriente Próximo*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Record, 1963, p. 224.

<sup>9</sup> DURANT, 1963, p. 226.

<sup>10</sup> FRIGERIO, Tea; MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. *Oséias e Gomer: um casal profético: 'se eu não tiver o amor, nada sou!'*. São Leopoldo: CEBI, 2005, p. 8-10.

estupro, adultério e assassinato, onde o rei usa de seu poder para ter o que e quem quisesse. Logo a seguir, ainda no livro de 2 Samuel, Amnom estupra a própria irmã e depois a manda embora. O relato do estupro ainda conta que é pedido para que Tamar cale-se e não fale nada sobre, afinal é seu irmão e isso traria desgraça à família.

No livro de Ester também é relatado o abuso da autoridade patriarcal. O rei Assuero pede que sua esposa Vasti se apresente para os povos e príncipes que estavam junto com o rei festejando. A rainha se recusou a aparecer, irritando o rei. Com medo da atitude de Vasti ser repetida por outras mulheres, de modo que estas viessem também a se opor ao seu marido o desprezando, o rei envia a todas as províncias uma carta dizendo que cada homem fosse o senhor da sua casa<sup>11</sup>. A rainha é mandada embora e logo o rei procurou outra para colocar no seu lugar. As figuras de Vasti, Beteseba, Tamar, ressaltam o desrespeito, a violência e o descaso para com as mulheres.

### **A situação da mulher no Antigo Testamento**

A mulher, mesmo cuidando da casa e do campo, tinha uma posição desprivilegiada na sociedade e na família. As filhas eram tratadas como mercadoria de valor, que podiam ser compradas ou vendidas. Apenas os filhos podiam receber herança. Caso a família não possuísse filhos, a propriedade era passada para o homem mais próximo<sup>12</sup>.

Apesar de se tratar de uma sociedade patriarcal, muitos textos bíblicos falam do pai e da mãe no mesmo plano<sup>13</sup>, como no caso de Genesis 1: “onde os dois são feitos à imagem de Deus e recebe, juntos o mandato cultural de multiplicar-se e dominar a terra.”<sup>14</sup> Quem caluniasse pai ou mãe era castigado de morte. Mesmo com textos ressaltando e dignificando a mulher, os que eram citados e usados como exemplos sempre foram aqueles em que apenas a masculinidade era ressaltada. A mulher era parte do patrimônio masculino e tratada como tal.

### **O casamento no Novo Testamento**

Na época de Jesus a família era muito importante. Os membros da família se sentiam como sendo parte da mesma carne, do mesmo sangue, da mesma alma. A lei se multiplicou na tentativa de manter a ordem, a pureza e a autoridade da família. A família, além de ser uma entidade social, era uma entidade religiosa<sup>15</sup>. Casar significava a perpetuação da família e era de

---

<sup>11</sup> BALDWIN, Joyce G. *Ester: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1986, p. 53-55.

<sup>12</sup> MALDONADO, 2003, p. 15.

<sup>13</sup> MALDONADO, 2003, p. 16.

<sup>14</sup> MALDONADO, 2003, p. 17.

<sup>15</sup> DANIEL-ROPS, Henri. *A vida diária nos tempos de Jesus*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 132.



extrema importância para o homem<sup>16</sup>. Ao que tudo indica, na época de Cristo a monogamia predominava na região de Israel.

Alguns casamentos eram proibidos pela lei, como o princípio básico de nenhum homem descobrir a nudez de qualquer parenta da carne. Sendo proibidas as uniões: filho com a mãe, homem com a esposa do pai, homem com sua irmã ou meia irmã, sobrinho com sua tia, homem com sua neta, nora ou cunhada (exceto no levirato). Estes relacionamentos anulavam a união conjugal. A lei punia com morte os que transgrediam essa lei.

A mulher era muito necessária ao homem de Israel, assim como sempre foi para qualquer homem. E para se vingar por serem tão dependentes, eles as cobrem de abusos<sup>17</sup>. O divórcio era repudiado em Israel, sendo aceito apenas como último recurso. Mas, no tempo de Jesus, tanto o divórcio como o repúdio estavam se tornando frequentes com a influência de Roma. O adultério era um dos motivos que mais levava o casamento ao fim. A mulher não podia pedir o divórcio, a sua única alternativa era tornar-se insuportável para o marido ao ponto de ele pedir<sup>18</sup>.

Jesus veio para cumprir a Aliança do Antigo Testamento. O ensinamento de Jesus é claro, existe igualdade de deveres e direitos entre homens e mulheres. Jesus denuncia a desigualdade sofrida pela mulher com as leis do divórcio. Da mesma forma como os profetas tornaram o casamento um símbolo das relações de amor entre Deus e seu povo<sup>19</sup>:

No Novo Testamento o casamento recebe a missão de evocar a união de Cristo com a Igreja, essas núpcias que começaram nesta terra e conhecerão seu cumprimento no Reino definitivo. Desse modo, a vida conjugal se vê colocada dentro de um halo de luz e investida de uma tal responsabilidade espiritual que o fracasso do casamento atinge o próprio anúncio do Reino e sua vinda.<sup>20</sup>

Quando Jesus é questionado sobre a permissão em se repudiar a sua esposa, Jesus responde que aquele que repudiar a sua esposa, exceto por adultério, e casar com outra, estará cometendo adultério. O caráter sagrado do casamento ganhou mais força e a única cláusula, exceto por adultério, confirma a sua indissolubilidade.

Este deveria ser o ensinamento cristão sobre o casamento, o seu caráter sagrado, que Paulo tornaria mais tarde como doutrina mais exata<sup>21</sup> em Efésios 5.21-33, quando constitui uma teologia da vocação espiritual e eclesial do amor conjugal entre os cristãos<sup>22</sup>.

<sup>16</sup> DANIEL-ROPS, 2012, p. 132.

<sup>17</sup> DANIEL-ROPS, 2012, p. 150.

<sup>18</sup> DANIEL-ROPS, 2012, p. 155.

<sup>19</sup> LEGRAIN, Michel. *A igreja e os divorciados*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 30-31.

<sup>20</sup> LEGRAIN, 1989, p. 32.

<sup>21</sup> DANIEL-ROPS, 2012, p. 157.

<sup>22</sup> LEGRAIN, 1989, p. 33.



## A mulher no Novo Testamento

O movimento cristão que Jesus promoveu inverteu toda essa conjuntura de preconceitos para com as mulheres excluídas. Seus seguidores foram exatamente essas pessoas à margem, pessoas que eram impuras para o culto: pobres, pecadores, cobradores de impostos, mulheres. Jesus possuía caráter inclusivo e não excludente. Os novos cristãos, que entravam para esse grupo de Jesus, proclamavam sua inclusão e afirmavam que todas as diferenças de *status* social, político e religioso estavam abolidas no corpo de Cristo, a Igreja<sup>23</sup>.

No livro de Marcos 14.9 vemos o que Jesus disse de uma importante mulher: “Em verdade vos digo: onde for pregado em todo o mundo o evangelho, será também contado o que ela fez, para memória sua.”<sup>24</sup> Este texto trata da mulher de Betânia que unge Jesus, identificada como Maria de Betânia. Ela tem uma atitude subversiva e firme; por isso foi elogiada por Cristo.

À nenhuma mulher se deveria negar nenhum direito, muito menos o de anunciar o evangelho. Não é válido negar a ordenação de mulheres fundamentando-se nas Escrituras Sagradas, pois Jesus convocou as mulheres ao discipulado pleno, e o Espírito lhes concedeu poderes de apóstolas, profetisas e líderes<sup>25</sup>.

As mulheres que faziam parte do movimento de Jesus e praticavam e exerciam sua liderança na Igreja eram subversivas ao modelo cultural da sociedade. Jesus estava com elas, falava com elas e andava com elas, não cumpriu nenhuma das normas que os e as proibiam de fazer essas coisas. Jesus devolve a dignidade às mulheres. Ele as reconhece novamente como criaturas criadas à imagem e semelhança de Deus.

## O casamento nas comunidades cristãs primitivas

Nos primeiros séculos, cristãos e cristãs realizavam o matrimônio nas normas civis sob a luz de Cristo. Um rito específico para o casamento só surgiu após o século IV, com a paz decretada por Constantino. A partir de então, a comunidade passou a diferenciar elementos simbólicos da cultura local, os substituindo por outros com simbologia cristã<sup>26</sup>.

Inácio de Antioquia foi quem sugeriu que as uniões tivessem o consentimento dos bispos, evitando assim casamentos indesejados ou com não cristãos e cristãs<sup>27</sup>. O batismo era um pré-

<sup>23</sup> FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *Discipulado de iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 96.

<sup>24</sup> A BÍBLIA da Mulher. *Marcos 14.9*. Tradução Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009, p. 1591.

<sup>25</sup> FIORENZA, 1995, p. 100.

<sup>26</sup> MANSK, Erli. *Manual de bênção matrimonial*. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: IECLB, 2009, p. 17.

<sup>27</sup> MANSK, 2009, p. 18.



requisito para o casamento cristão: “enquanto o batismo efetua a integração da pessoa em Cristo, a união matrimonial, conforme Paulo, é sinal da união de Cristo com sua Igreja.”<sup>28</sup>

Entre os séculos IV e X a Igreja passou a assumir a celebração integral do casamento, a caracterizando como uma bênção ao noivo e à noiva. Neste processo, muitos símbolos foram retirados e adicionados no rito matrimonial. A partir do século X a Igreja tornou-se indispensável para a celebração do casamento, assumindo também as funções jurídicas. O casamento passou a ter um caráter público e é celebrado na porta da Igreja. O consentimento do noivo e da noiva em se casar passa a ser levado em conta<sup>29</sup>.

## Reforma

Na época da Reforma o celibato era valorizado, sendo visto como meio de salvação. A sexualidade estava ligada ao pecado original, havendo assim uma supervalorização da virgindade, visto que para o pensamento da época a mulher estava propensa às obras do diabo, o caminho para que ela conseguisse a salvação era através de sua virgindade. Desta forma, o casamento também passou por certa desvalorização. A igualdade entre homens e mulheres era considerada uma heresia<sup>30</sup>.

Lutero luta contra esses pensamentos. Com a sua descoberta de que Deus se tornou humano para eliminar esses muros separatistas e possibilitar uma vida de dignidade e igualdade a todos e todas baseado no amor recíproco, Lutero começa a lutar por igualdade, mesmo que por vezes, se tornou refém do seu tempo<sup>31</sup>.

Quando Deus criou o homem e a mulher, Ele os chamou de boas criaturas e ambas, desta forma, devem ser amadas e respeitadas como frutos de sua obra. Portanto, homem e mulher devem carregar as cargas uns dos outros. Quando é imposta à mulher tarefas insignificantes, a ideia da criação se torna desvirtuada. Desta forma, a maneira com que nos relacionamos com o outro ou a outra expressa a nossa fé<sup>32</sup>.

Para Lutero, o casamento não é considerado um sacramento, pois não foi ordenado por Deus para significar algo. O casamento faz parte da organização humana e é abençoado por Deus. É dádiva do Criador, mas não meio da graça. Com a Reforma, a paternidade e a maternidade ganham destaques; da mesma forma, a mulher é valorizada<sup>33</sup>.

O rito do matrimônio foi simplificado por Lutero, não alterando os costumes ligados ao casamento civil. Ele escreveu o Manual da bênção matrimonial para os pastores pouco letrados,

<sup>28</sup> MANSK, 2009, p. 19.

<sup>29</sup> MANSK, 2009, p. 20-22.

<sup>30</sup> MANSK, 2009, p. 32-33.

<sup>31</sup> MANSK, 2009, p. 32.

<sup>32</sup> MANSK, 2009, p. 34.

<sup>33</sup> MANSK, 2009, p. 31.

em 1529<sup>34</sup>. Também adicionou o uso do texto de Mateus 19.6, já utilizado na Alemanha, e “a afirmação ‘eu os declaro unidos em casamento’ no rito.”<sup>35</sup>

### O casamento na IECLB

Para a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) a benção matrimonial é dada a um casal formado por uma mulher e um homem, já casados pela lei civil, ou que venham a fazê-lo no dia da benção matrimonial, que “desejam colocar o seu casamento sob a bênção de Deus e sob a orientação da sua palavra, bem como sob a intercessão da comunidade.”<sup>36</sup> É tarefa da comunidade acompanhar, interceder e ajudar os casais que buscam a benção matrimonial.

Entende-se hoje o casamento na IECLB como pacto matrimonial e não como um contrato, remetendo assim a ideia de que Deus garante a fidelidade de um pacto e age como testemunha dele<sup>37</sup>.

Uma nova relação de amor se estabelece quando se entra no pacto do casamento, assim como se entra no pacto da igreja por meio da iniciação. A cerimônia de casamento é um sinal visível dessa nova relação de amor e conclama as outras pessoas a fomentar esse amor.<sup>38</sup>

A IECLB compreende a fraqueza humana e a dificuldade da convivência diária e utiliza a expressão “até que a morte os separe” como forma de testemunhar que é possível ter um relacionamento duradouro e agradável com a ajuda de Deus<sup>39</sup>.

Realizar a benção matrimonial no seio da comunidade cristã é anunciar publicamente a fé nesse Deus. Tanto o casal quanto a comunidade que celebra a benção matrimonial dão testemunha dessa fé.<sup>40</sup> Desta forma a IECLB tem em vista a indissolubilidade do casamento. Porém em casos de violências e opressões de um sobre o outro a outra, esse matrimônio não deve forçosamente ser mantido.<sup>41</sup>

### Mulher, feminismo, lutas e sonhos

Os papéis sociais definidos como femininos e a submissão ao Deus Todo Poderoso que deu tais regras às mulheres de uma maneira sutil e natural, acabam com a possibilidade da

<sup>34</sup> JENSSEN, Hans-Hinrich; HORN, Werner. A Benção Matrimonial. In: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph; MEYER-BLANCK, Michael; BIERITZ, Karl-Heinrich (Orgs.). *Manual de ciência litúrgica: ciência litúrgica na teologia e prática da igreja*. Vol. 3. São Leopoldo: Faculdades EST/Sinodal, 2014, p. 89.

<sup>35</sup> MANSK, 2009, p. 23.

<sup>36</sup> MANSK, 2009, p. 38.

<sup>37</sup> MANSK, 2009, p. 25.

<sup>38</sup> MANSK, 2009, p. 25.

<sup>39</sup> MANSK, 2009, p. 37.

<sup>40</sup> MANSK, 2009, p. 38.

<sup>41</sup> MANSK, 2009, p. 37.



mulher se tornar ser humano<sup>42</sup>. No entanto, muitas mulheres acreditavam (e acreditam) que é realmente vontade de Deus e essência da mulher ser submissa ao homem.

As mulheres começam a perceber que essa situação de “oprimida/opressora” precisa passar por um processo subversivo capaz de criar um novo homem e uma nova mulher, num mundo de reciprocidade e novos relacionamentos<sup>43</sup>.

A sociedade foi organizada pelo patriarcalismo, o qual criou um modelo de homem e um de mulher. Esse movimento foi desenvolvendo-se e tornou-se responsável pela produção das catástrofes ideológicas, das explorações, do racismo, da dominação na relação homem e mulher. Essa sociedade enferma, com características hierárquicas, idealistas e excludentes é totalmente adversa ao movimento de Jesus. Precisamos ajudar as mulheres a abrir os olhos a essa doença, e se reorganizarem no mundo. O ideal é uma nova partilha de tarefas, novo sistema de divisão de trabalho, participação política, equilíbrio da presença masculina e feminina nos diferentes setores da vida, eliminando esses estereótipos e esses estigmas<sup>44</sup>.

Esse desafio é também aplicável às igrejas cristãs que não aceitam a participação teológica das mulheres como contribuição igualada a do homem. A mesma domesticação sofrida em casa pelas mulheres acontece também dentro da igreja. Nesta, ela é responsável pela tarefa da catequese, da iniciação infantil, mas quando se trata dos níveis das grandes orientações e decisões na igreja, ela deve calar-se<sup>45</sup>.

A cultura patriarcal produziu uma ideologia de divisão de comportamentos e de trabalho. Certas coisas e comportamentos são somente masculinos e outros somente femininos. Isso é aceito de tal forma que se tornou algo natural, ou seja, não se percebe que é um produto da cultura, que é domesticado, mas acredita-se ser algo da natureza humana.

O sistema econômico e social a qual se dá o nome de capitalismo – por valorizar o capital acima de todas as coisas – mede os corpos como força de trabalho e, assim como ontem reduzia as pessoas a trabalhadores, hoje depende do abandono e do apagamento dessas mesmas pessoas que, mesmo sendo trabalhadoras, devem se contentar em ser consumidoras. Nesse contexto, muitas mulheres se iludem de que estão livres porque adquiriram independência econômica – embora estejam sendo oprimidas pelo próprio sistema que as emprega.<sup>46</sup>

Tentar mudar isso é uma violação grave, condena a pessoa que assim o tenta e o torna marginalizada. Os meios de comunicação também são uma ferramenta aliada a fixar certos

<sup>42</sup> SOLLE, 1991, p. 77-78.

<sup>43</sup> GEBARA, Ivone. Desafios que o movimento feminista e a teologia feminista lançam à sociedade e às igrejas. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 27, no. 2, p. 153-161, 1987, p. 154.

<sup>44</sup> GEBARA, 1987, p. 154.

<sup>45</sup> GEBARA, 1987, p. 155.

<sup>46</sup> TIBURI, Marcia. *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018, p. 62.



comportamentos e a resistir a certas mudanças<sup>47</sup>. Existe uma resistência real ao movimento feminista. Uma vez que o movimento busca mudanças de hábitos milenares<sup>48</sup>. “E, porque o machismo faz parte de um modo orgânico de pensar, de sentir e de agir, é tão difícil de modificá-lo.”<sup>49</sup>

Para os homens que são contra o movimento, existe um bloqueio psicológico a partir da ideia de ver suas esposas, filhas, irmãs, mães, sem a imagem tradicional de submissão. É preciso perceber, no entanto, que o movimento feminista também busca a desalienação do homem, da libertação de estereótipos e condicionamentos da sociedade<sup>50</sup>. “O feminismo leva a pensar que a vida seria melhor e menos sofrida longe de diferenças de sexualidade e gênero. E que o achismo e o sexismo causam muito sofrimento e não precisamos viver sob seu jugo.”<sup>51</sup>

A ascensão do poder das mulheres, devido sua crescente influência nas diferentes comunidades cristãs, é alvo de resistência dos homens, pois estes se sentem ameaçados<sup>52</sup>. Gebara diz: “O ‘poder sagrado’ dos homens nas instituições da religião começa a ser questionado e isto gera muita insegurança. As mulheres não obedecem mais: ‘tiraram o véu’, não cobrem mais a cabeça e começam a falar nas assembleias.”<sup>53</sup>

Na classe média e alta da sociedade, existe resistência por parte das próprias mulheres ao movimento feminista, “de nada adianta dizer-se feminista sem lutar pela transformação da sociedade.”<sup>54</sup> Essas mulheres não querem perder o trono de rainhas do lar, bonecas de luxo, mães/mártires. Este movimento lhes dá insegurança. Entendem que este movimento é algo desordenado e lhes tira o privilégio do martírio de ser mãe e esposa dedicada a casa e à família<sup>55</sup>. “Isso nos leva a pensar que o ‘lar’ nunca é um lugar doce para as mulheres, mas um núcleo fundamentalmente capitalista que tem na família um sistema de exploração.”<sup>56</sup>

É o individualismo falando mais alto. O que importa é o meu corpo, a minha casa, tanto importa o corpo das outras mulheres. O corpo da mulher foi e é usado como forma de opressão ainda hoje, mesmo dentro da Igreja. Na bíblia, na história, na sociedade, o corpo se torna lugar de disputa de poder.

O corpo de uma mulher violentada é o corpo de Jesus, que também foi violentado por um sistema cruel. No silêncio podem-se ouvir os gritos, os desesperos, os pedidos de socorros, que deixamos morrer ali, sem muito fazer, sem muito dizer, deixamos que se percam no silêncio.

---

<sup>47</sup> GEBARA, 1987, p. 156.

<sup>48</sup> GEBARA, 1987, p. 156.

<sup>49</sup> TIBURI, 2018, p. 63.

<sup>50</sup> GEBARA, 1987, p. 157.

<sup>51</sup> TIBURI, 2018, p. 64.

<sup>52</sup> GEBARA, 1987, p. 157.

<sup>53</sup> GEBARA, 1987, p. 158.

<sup>54</sup> TIBURI, 2018, p. 66.

<sup>55</sup> GEBARA, 1987, p. 158.

<sup>56</sup> TIBURI, 2018, p. 64.



Assim como Jesus depois da morte é reconhecido por ser quem Ele era, e o que Ele fez, essas mulheres muitas vezes acabam por perder a sua vida na tentativa de que alguém reconheça e as ajude. Esses corpos que buscam por uma vida digna caminham entram nós, estão em nosso redor e gritam em alto e, ao mesmo tempo, silencioso som: PRECISO DE AJUDA. Nós, em contrapartida, precisamos aguçar os nossos ouvidos e responde-las: ESTAMOS COM VOCÊ, POR NENHUMA A MENOS!

### Considerações finais

“Mulher é esfaqueada pelo marido”  
“Moça é morta por dois homens, que a desfiguraram por meio de mordidas”  
“Mulher tem 90% do corpo queimado”  
“Menina de 10 anos é estuprada pelo padrasto”

Essas situações são reais e aconteceram no meu bairro, na minha vizinhança. Cresci ouvindo falar sobre violência doméstica. Cresci ouvindo que não devia me meter. Cresci e descobri que sim, preciso me meter e não me calar. Se calar é fazer parte da violência, é ser cúmplice. Quantas mulheres mais precisamos que percam a vida para então nos darmos conta de que a sociedade necessita de mudanças urgentes?

A humanidade, durante toda a sua história, tem se usado da força e do poder para colocar a mulher em uma posição que não é dela, na verdade não é digna a ninguém. A Igreja se torna cúmplice do patriarcalismo, da cultura capitalista, quando permitiu que a bíblia fosse interpretada sobre essa ótica de opressão, de desigualdade, de superioridade de raças.

Precisamos reeducar a sociedade, ensinar valores de equidade de gênero, de respeito, de responsabilidade com o outro e com a outra. Precisamos ensina-la a amar. Podemos começar fazendo isso nas comunidades, nas nossas rodas de conversa. Falar sobre o problema, sobre os abusos, sobre a discriminação, sobre a violência, faz com que derrubemos o tabu socialmente construído ao redor desse tema.

Em vida de marido e mulher, devemos meter o faqueiro inteiro, se nesse local houver qualquer tipo de violência. Os ouvidos precisam ficar atentos para os pequenos sinais que as mulheres expressam quando são violentadas. Precisamos abrir os corações para sentir a dor delas e dessa forma ajuda-las. Precisamos ter força para lutar por aquelas que utilizam todas as forças que tem para se manterem vivas. Eu queria ter tido essa força para proteger tantas amigas que foram mortas brutalmente pela violência que foi silenciada.

Que as mulheres de todo o mundo e as próximas gerações possam saber que:

“Só mesmo rejeita,  
Bem conhecida receita



Quem não sem dores  
Aceita que tudo deve mudar  
Que um homem não te define  
Sua casa não te define  
Sua carne não te define  
Você é seu próprio lar.”<sup>57</sup>

## Referências

- A BÍBLIA da Mulher. *Marcos 14.9*. Tradução Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- BALDWIN, Joyce G. *Ester: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1986.
- DANIEL-ROPS, Henri. *A vida diária nos tempos de Jesus*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2012.
- DREHER, Martin N. O Novo Testamento escrito por homens, e a mulher na história da Igreja. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, vol. 30, no. 3, p. 273-287, 1990.
- DURANT, Will. *Nossa Herança Oriental: Uma história da civilização do Egito e do Oriente Próximo*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Record, 1963.
- FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *Discipulado de iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- FRANCISCO el Hombre. *Triste, louca ou má*. Soltasbruxa, 2016. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/francisco-el-hombre/triste-louca-ou-ma/>>. Acesso em: 15 mai. 2017.
- FRIGERIO, Tea; MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. *Oséias e Gomer: um casal profético: 'se eu não tiver o amor, nada sou!'*. São Leopoldo: CEBI, 2005.
- GEBARA, Ivone. Desafios que o movimento feminista e a teologia feminista lançam à sociedade e às igrejas. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 27, no. 2, p. 153-161, 1987.
- JENSSEN, Hans-Hinrich; HORN, Werner. A Bênção Matrimonial. In: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph; MEYER-BLANCK, Michael; BIERITZ, Karl-Heinrich (Orgs.). *Manual de ciência litúrgica: ciência litúrgica na teologia e prática da igreja*. Vol. 3. São Leopoldo: Faculdades EST/Sinodal, 2014.
- LEGRAIN, Michel. *A igreja e os divorciados*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- MALDONADO, Jorge E. *Casamento e família: uma abordagem bíblica e teológica*. 2. ed. Viçosa: Ultimato, 2003.
- MANSK, Erli. *Manual de bênção matrimonial*. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: IECLB, 2009.

<sup>57</sup> FRANCISCO el Hombre, 2016.



SOLLE, Dorothee. Libertada para a Liberdade, Condenada ao Silêncio, A Imagem da Mulher no Cristianismo. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 31, no. 1, p. 75-84, 1991.

TIBURI, Marcia. *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

[Recebido em: Julho de 2019  
Aceito em: Julho de 2019]